

A
REENCARNAÇÃO
NA
BÍBLIA

Hermínio C. Miranda

Pensamento

HERMÍNIO C. MIRANDA

A REENCARNAÇÃO NA
BÍBLIA

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

ÍNDICE

<i>Explicação Necessária</i>	4
A Hora Final	5
O Profeta	6
O Teste	8
A Lei e os Profetas	9
O Sinédrio	10
Nicodemos e os Fariseus	11
A Perplexidade de Nicodemos	12
A Volta de Elias	14
Algumas Conclusões	15
A Reencarnação na Bíblia	16
O Decálogo	17
O Primeiro Mandamento	19
De Quem é a Culpa	20
O Reajuste	21
Nascer de Novo	22
Inocentes e Culpados	23
A Lição de Ezequiel	26
Preliminares a uma Interpretação	28
Definição Precisa da Responsabilidade Pessoal	30
Referências Veladas	32
Quem Pecou?	33
A Casa Dividida	35
O Problema da Preexistência	37
De Volta ao Apocalipse	41
O Tempo das Decisões	43
Reencarnação e Cristianismo	44
Modernos Nicodemos	46

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O presente estudo foi escrito a partir de paciente e minuciosa pesquisa elaborada por um companheiro de ideal. Em nosso entendimento pessoal, disse-me ele ser aquilo o trabalho de uma vida, que ele temia perder-se, de repente, com a sua partida, pois não se sentia com a experiência necessária para colocar tudo por escrito.

Lera recentes livros meus e me propunha aceitar a incumbência, para a qual, modestamente, se declarava despreparado. Embora eu achasse que ele tinha condições de fazê-lo, o tema capturou instantaneamente o meu interesse e já saí daquele primeiro encontro com as suas referências bíblicas caprichadamente anotadas à mão numa folha de almoço. Naquele mesmo dia iniciei as pesquisas suplementares que me pareceram necessárias e preparei um roteiro preliminar para o texto que pretendia escrever.

Foi assim que surgiu este opúsculo. Como o meticoloso pesquisador não consentiria em fazer seu nome figurar na capa, desejo que pelo menos me permita colocá-la aqui nesta conversa inicial: chama-se Orlando Cardoso Bessa. O estudo básico é dele. Sou o confeitoiro que fez o bolo com os seus ingredientes e segundo minha receita pessoal.

Meus respeitos ficam aqui expressamente documentados na homenagem singela que presto, de coração, a esse obscuro e valoroso companheiro, dono de humilde e segura erudição. Foi uma honra e uma alegria conhecê-lo e partilhar de suas ideias.

Quanto aos méritos do Livrinho em si, dirá o leitor.

HERMINIO C. MIRANDA

*Rio de Janeiro,
Fevereiro de 1981*

A HORA FINAL

Um bombardeiro supersônico, voando a grande altura, deixa cair um potente artefato nuclear. Ao atingir o solo, a bomba explode com o brilho de uma estrela fulgurante e o calor de uma fornalha e abre um poço fundo e amplo como um abismo, do qual se eleva imediatamente densa nuvem de gases. Momentos depois, a nuvem assume a forma de imenso cogumelo que obscurece o sol e projeta sua sombra sobre vasta região.

A essa altura já os radares alertaram os computadores e estes já expediram a ordem para o contra-ataque. Mal se ouviu o estrondo da explosão, levantou voo uma veloz esquadrilha de caças a jato que saem no encalço do bombardeiro. Ao longe, parecem pequenos gafanhotos, por causa das suas linhas aerodinâmicas. Refletido nas suas brilhantes carcaças metálicas, o sol cria verdadeiras coroas douradas em torno deles. Vistos do solo, acima das casas, dos montes e das nuvens, lembram figuras mitológicas com rostos vagamente humanos. As asas em delta assemelham-se a cabeleiras femininas, enquanto a cauda, por causa do perfil dos estabilizadores, lembra o ferrão dos escorpiões, tão mortífera, talvez, como estes. E que barulho fazem ao cruzar os espaços em fantástica velocidade! É como se verdadeira multidão de carros de guerra estivessem sendo arrastados pelos campos por milhares de cavalos enfurecidos em disparada. Aqueles gafanhotos também levam o terrível instrumento da destruição - artefatos nucleares que vão provocar alhures os mesmos cogumelos da morte.

A sinistra nuvem tem no seu bojo uma quantidade inconcebível de partículas letais que começam lentamente a derivar ao sabor dos ventos. Durante meses elas estarão espalhando por toda a parte as suas radiações, contaminando tudo: o ar, as águas, os seres vivos - vegetação, animais, homens, mulheres, velhos e crianças, nascidas e por nascer. Ninguém as vê e, a princípio, nem as sente, mas o trabalho invisível da destruição prossegue, traiçoeiro e inexorável. Plantas, animais e seres humanos continuarão a respirar aquele ar, a beber aquelas águas e a ingerir aqueles mesmos alimentos de sempre. É como se a vida seguisse normalmente o seu curso, enquanto os implacáveis emissários da morte trabalham em silêncio. Atormentados por intolerável mal-estar, muitos desejarão a morte compassiva e rápida; muitos até mesmo a buscarão, correndo riscos desnecessários, tentando botar a máscara do acidente em suicídios desejados, mas a morte lhes foge, ao mesmo tempo que os espera, enquanto os prepara para o fim que ela própria decidiu e que se aproxima.

Por cinco ou seis meses, a terra inteira será afligida como nunca o foi. Nevil Shute acha que serão seis meses. Está no seu angustiante livro *On the Beach* ("Na Praia"), no qual descreve, com as tintas pesadas do desencanto, a visão apocalíptica das consequências de um confronto nuclear de vastas proporções. Até um filme se fez com base na sua densa história; chamou-se "A Hora Final".

Seria profético o livro do genial engenheiro e escritor australiano? Certamente. Só não podemos dizer que hora é aquela. Pelo menos, ao escrevermos isto, no início da década de 80, mas poderá estar sendo destravado agora, enquanto você lê, amigo leitor, o mecanismo do terror global. Ou poderá sê-lo daqui a mais um pouco: Horas? Dias? Meses? Anos? Quem sabe, senão Deus? Só se sabe que a hora chegará...

O PROFETA

Não é, porém, para assustar o leitor e nem para impressioná-lo que estamos aqui a projetar imagens de um conflito nuclear. Propositadamente deixamos no texto duas palavras chave: *apocalíptica* e *profético*.

Tomemos essas chaves, abramos as portas e penetremos no vestíbulo de uma especulação.

Suponhamos que algum profeta antigo, vidente, sensitivo ou médium - chame-o como quiser - tivesse tido a visão antecipada da "hora final" há cerca de dois mil anos. Como iria ele relatar o que viu? Nada sabe ele de energia nuclear. Não pode, sequer, imaginar que estranhos aparelhos metálicos mais pesados do que o ar sejam capazes de voar a incrível velocidade, com enorme estrondo e melhor do que pássaros e gafanhotos. Desconhece explosivos poderosos, radiações mortíferas, radares vigilantes e computadores obedientes.

E, no entanto, o profeta precisa contar tudo o que viu, pois assim lhe *ordenaram*. Para que *haveriam* de mostrar-lhe o que está para acontecer senão para que ele informasse aos homens dos trágicos acontecimentos que os aguardam?

Por isso, ao retornar de seu "arrebatamento em espírito ao céu" - isto que hoje se chama *transe* - o profeta está bem consciente de que tem de descrever, o melhor que puder, suas enigmáticas visões. Para ele próprio, elas são incompreensíveis e até absurdas, mas ele sabe, sem saber por que, que, para alguém, em algum tempo, em algum lugar, suas visões seriam claras como a água da fonte. Era preciso, pois, traduzir todas aquelas imagens puramente visuais em símbolos gráficos. Não há palavras apropriadas para descrevê-las e, mais sério ainda, o profeta nem mesmo sabe o que se passou ante seus aturdidos olhos - sabe apenas que, um dia, aquilo seria uma trágica e implacável realidade.

Então, ele sentou-se pensativo, desenrolou o pergaminho diante de si, tomou do estilete, mergulhou-o no tinteiro de pedra e começou assim:

- Eu, João, vosso irmão e companheiro nas tribulações, na realeza e na paciência por Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Num domingo, fui arrebatado em espírito, e ouvi, por trás de mim, voz forte como trombeta, que dizia: "O que vês, escreve-o num livro e manda-o às sete igrejas ... "

Por que remeter o mesmo relato a sete igrejas diferentes? Era para que se multiplicassem por sete as chances de sobrevivência do texto que precisava vencer a inexorável passagem dos séculos. Bastava que dois deles, apenas, fossem preservados e um poderia servir para conferir o outro. Em último caso, bastaria um só. O importante era que a mensagem resistisse ao tempo para que, na época certa, produzisse o resultado para o qual estava sendo elaborada.

Assim nasceu o Apocalipse ou Revelação, com as misteriosas visões de João, o Discípulo Amado, o Apóstolo, o Vidente de Patmos, o Profeta do Apocalipse.

Abrimos este estudo com a exata "tradução" em linguagem moderna do mesmíssimo texto escrito por João em Patmos, ao findar-se o primeiro século da era cristã. Vamos reler, para confrontar, o relato de João, tal como se encontra no Capítulo 9, versículos 1 a 12:

- Tocou o quinto anjo a sua trombeta. Vi, então, uma estrela que caíra do céu sobre a

terra. Deu-se a ela a chave do poço do Abismo. Abriu o poço do Abismo e subiu do poço uma fumarada como a de um forno grande e o sol e o ar se escureceram com a fumarada do poço. Da fumarada saíram gafanhotos sobre a terra e lhes foi dado o poder que têm os escorpiões da terra. E lhes foi dito que não causassem dano a erva da terra, nem a nada verde e nem a nenhuma árvore, mas somente aos homens que não trouxessem na frente o sinal de Deus. Foi-lhes dado não o poder para matá-los mas para atormentá-los durante cinco meses (1). O tormento era semelhante ao da picada do escorpião em alguém. E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a encontrarão; desejarão morrer e a morte fugirá deles (2). A aparência desses gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; sobre suas cabeças traziam coroas que pareciam de ouro; seus rostos eram como rostos humanos; tinham cabelos de mulheres e seus dentes eram como os do leão; tinham couraças como couraças de ferro e o ruído de suas asas era como o estrondo de carros de muitos cavalos (3) que correm em combate; e tinham caudas parecidas com a dos escorpiões com agulhões em suas caudas e o poder de causar danos aos homens durante cinco meses. Tem sobre si, como rei, ao Anjo do Abismo, chamado em hebraico Abaddon e em grego Apolion. O primeiro, Ai!, já passou. Veja que atrás vêm contudo outros dois. (4)

(1) João não viu a imediata destruição da vida e, por isso, entendeu que, a despeito da terrível explosão, aquilo não passaria de um horrendo tormento.

(2) Admirável precisão de linguagem para figurar um bando apavorado de condenados, agitando-se insensatamente daqui para acolá.

(3) Curiosa expressão essa - muitos cavalos - que é, precisamente, como se mede hoje a potência dos motores de avião e outros.

(4) Maneira indireta, mas corretíssima, de descrever a fantástica velocidade dos aparelhos. No espaço de um "ai!" o primeiro jato já passou, enquanto outros vêm atrás desabalados.

O TESTE

Alguma dúvida? Façamos, porém, um teste com qualquer leitor assíduo da Bíblia, desses que veem a letra, mas não percebem o espírito dos textos. Perguntemos-lhe à queima-roupa:

- A Bíblia "fala" em bombardeiros supersônicos, em ogivas nucleares, em radares, computadores e radiações?

Muito provavelmente, a resposta será algo assim: - Claro que não. Como poderia "falar" *nisso*? Façamos outra pergunta semelhante a essa:

- E a Bíblia "fala" em reencarnação?

Desta vez, a resposta será, provavelmente, mais enfática e mais pronta:

- Absolutamente! De jeito nenhum! Como poderia "falar" *nisso*?

Pois temos novidades para esses caros irmãos: a Bíblia "fala", sim, em reencarnação, tanto quanto fala em bombas atômicas. É só ter as *chaves* apropriadas e os *olhos de ver* para identificar as referências, ou melhor, onde e como está o *espírito* que vivifica atrás da *letra* que mata. Ler e recitar a letra qualquer um pode fazer - basta que tenha memória -, mas divisar por trás dela o vulto imenso do espírito, isso é dado a poucos, porque muitos são os que olham e não veem, escutam e não ouvem, falam mas não dizem nada...

Ante o testemunho da verdade, os que parecem mais lúcidos e inteligentes são frequentemente os que menos veem e aqueles que parecem cegos aos presunçosos são os que melhor enxergam. "Eu vim a este mundo para um juízo - disse Jesus -, a fim de que os que não veem, vejam; e os que veem se tornem cegos".

No Apocalipse, mais importante que o ouro refinado e as vestes brancas, é o "colírio para ungires os olhos a fim de que vejas" (Apo. 3: 18).

A LEI E OS PROFETAS

A nação judaica era uma teocracia, ou seja, segundo Aurélio Buarque de Holanda, "forma de governo em que a autoridade, emanada dos deuses ou de Deus, é exercida por seus representantes na Terra". Definição irretocável. Em Israel, o povo era governado por líderes essencialmente religiosos que baseavam suas decisões políticas, sociais e econômicas nos textos sagrados. O grosso volume que hoje conhecemos como Antigo Testamento era dividido em dois grupos: A Lei (Torá) e Os Profetas. O primeiro grupo compõe-se de cinco livros - Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio - conhecidos também pelo nome de Pentateuco. O segundo grupo enfeixa não apenas os livros deixados pelos profetas propriamente ditos; como os textos conhecidos como históricos.

São esses os documentos que regulavam a vida de cada indivíduo e da coletividade como um todo. Por conseguinte, o estudo, a interpretação e a aplicação da lei às inúmeras situações da vida constituíam questões de mais alta relevância. Os jovens bem dotados consumiam anos e anos debruçados sobre os textos sagrados, sob a orientação dos grandes Mestres em Israel até que pudessem também ser considerados Doutores da Lei. Honra suprema e glória máxima estavam em ser escolhidos para integrarem o Sinédrio. Somente os melhores chegavam lá, pelo talento, o saber e a fidelidade às tradições de

Israel, bem como pelas boas conexões políticas e sociais. Era no Sinédrio que todas as grandes e importantes questões eram debatidas e resolvidas. O Sinédrio era, pois, o órgão máximo do poder político-religioso.

O SINÉDRIO

O termo - aliás Sanhedrim - é uma hebraização da palavra grega *synedrion* (junta, sessão, assembleia, conselho, senado). Fontes rabínicas, no dizer da Enciclopédia Britânica, identificam dois desses conselhos - o Grande Sinédrio, com 71 membros e o Sinédrio Menor, com 23. O Grande Sinédrio era uma instituição permanente e funcionava como Corte Suprema em matéria legislativa e judicial. Era dirigido por uma dupla de sábios. Fontes não-rabínicas caracterizam o Sinédrio como instituição político-executiva e judicial sob a chefia do Sumo Sacerdote. Em verdade, o que parece acertado é identificar a existência de dois corpos distintos: um de natureza estritamente religiosa e outro secularizado e voltado para o exercício do poder civil.

Segundo a mesma fonte, Jesus e alguns de seus discípulos foram julgados pelo Sinédrio sacerdotal, ou seja, religioso, e a sentença teve que ser sancionada ou referendada por Pôncio Pilatos. A execução do Cristo como "Rei dos Judeus" se caracteriza, assim, juridicamente, como problema da lei romana e não do Grande Sinédrio, pois este, embora tendo condições para aplicar a pena de morte, só poderia fazê-lo no âmbito da lei religiosa.

Cabia ao Grande Sinédrio expedir decretos relativos às práticas religiosas, bem como julgar as violações cometidas, na qualidade de Corte Suprema e, ainda, supervisionar as cortes menores e controlar o cerimonial do Templo. Era, portanto, o organismo que velava pela santidade da lei tradicional, mesmo nas suas interpretações orais baseadas na lei escrita do Torá.

Como se pode observar, até nas suas funções secularizadas de natureza civil, a predominância da Lei era indiscutível, o que reduzia qualquer orientação pública ou particular, bem como decisões em disputas pessoais ou coletivas ao arbítrio da lei escrita. Os homens que compunham o Sinédrio e participavam de suas discussões e deliberações tinham que ser, pois, do melhor gabarito.

NICODEMOS E OS FARISEUS

A despeito de todo esse rigor, pelo menos um membro do Sinédrio tinha suas simpatias por Jesus e pelas suas ideias: Nicodemos, que, impressionado com as coisas que ele dizia e fazia, procurava-o secretamente, quase que sempre na calada da noite, para propor-lhe perguntas e colher ensinamentos.

Nicodemos era fariseu e, por certo, um fariseu muito especial, cuja imagem difere substancialmente da que ficou documentada nos Evangelhos, especialmente, no Capítulo 23 de Mateus, no qual Jesus emprega termos veementes para expor, em toda a sua crueza, a hipocrisia daqueles falsos santos: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas!" - diz ele. Tinha-os por sepulcros pintados de branco por fora, mas cheios de podridão por dentro. Considerava-os insensatos, cegos dirigentes de cegos, raça de víboras...

Allan Kardec tem sobre os fariseus as seguintes palavras na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*:

- "Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem a seus fins, do que como objeto de fé sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por uma e outras, exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Daí o serem muito poderosos em Jerusalém." Ficavam presos à letra da lei, sem buscar desvendar o verdadeiro sentido oculto dos textos. O nobre combate que deu Jesus às suas tricas, falsidades e armadilhas, e principalmente às suas hipocrisias, fez deles inimigos inflexíveis do Mestre. "Essa a razão - escreve Kardec - por que se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar contra ele o povo e eliminá-lo".

A PERPLEXIDADE DE NICODEMOS

No entanto, no Capítulo 3 de seu Evangelho, João preservou para a posteridade o relato de um encontro noturno de Jesus com Nicodemos, poderoso membro do Sinédrio, fariseu por formação. Esse "príncipe dos judeus", como também o trata o Evangelista, explica por que razão via em Jesus condições para ensinar-lhe (chama-o de Mestre): ninguém poderia realizar prodígios como aqueles se não viesse da parte de Deus.

Entre os ensinamentos que o Cristo lhe transmitiu, um, em particular, impressionou profundamente o senador: para se alcançar o estado de pureza espiritual - que Jesus chama de o "Reino de Deus" -, *é preciso nascer de novo*. (1)

(1) A Bíblia de Jerusalém (católica) preferiu a expressão "nascer do alto", embora admita "nascer de novo" como alternativa, em nota de rodapé. Essa opção introduz complicações e obscuridades desnecessárias. Primeiramente, no entendimento da letra: Que é nascer do alto? Em segundo lugar, se fosse essa a expressão, a pergunta de Nicodemos não teria sentido. Tanto ele entendeu que era realmente *nascer de novo* que perguntou: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode *tornar a entrar* no ventre de sua mãe e *renascer*?" (tradução do padre Mattos Soares). Se substituirmos essas expressões por *nascer do alto* o texto ficará incongruente, ininteligível.

Nicodemos não entendeu a referência e perguntou perplexo:

- Como será possível a um homem já velho nascer de novo? Terá que entrar novamente no ventre de sua mãe para renascer?

Pacientemente, Jesus ensina a dualidade do ser humano, que é carne e é espírito. O corpo de carne não pode gerar senão outro corpo de carne - jamais criar um espírito, que este é de outra origem. O espírito nasce e renasce muitas vezes na carne, até que fique em condições de pureza e sabedoria que lhe permitam "entrar no Reino de Deus".

Pela carne, ou seja, pelo corpo físico, sempre foi fácil identificar as pessoas e explicar-lhes a origem. Simão Bar Jonas era filho de Jonas, como diz o nome. Tiago e João eram filhos de Zebedeu e assim por diante. Já não seria tão fácil identificar os espíritos que habitavam e animavam aqueles corpos. E aqui há, pelo menos no texto grego do Evangelho, um interessante jogo de palavras, porque o mesmo termo (pneuma) servia para traduzir *espírito* e *vento*.

- É necessário renascer - diz o Cristo. O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes donde vem, nem para onde vai. Assim acontece com o espírito.

Uma beleza de imagem literária, de grande poder sugestivo e elevado senso poético. Tal como o vento, o espírito é invisível e livre. Não sabemos de onde está vindo e nem para onde se dirige - ou seja: sua origem e destinação - percebemos apenas a sua presença.

Mesmo assim, Nicodemos não se recuperara da sua perplexidade ante aquela estranha afirmativa de que era preciso nascer de novo, ou seja, renascer. E volta a perguntar:

- Como se pode fazer isso?

Jesus responde com outra pergunta, muito mais profunda do que parece, nas suas implicações:

- És mestre em Israel e não entendes estas coisas? Só há uma explicação lógica para a

pergunta-resposta: todo aquele que houvesse estudado bem os textos sagrados de Israel, especialmente os Doutores da Lei, como Nicodemos, deveria conhecer o mecanismo dos renascimentos ou seja, a reencarnação. Em outras palavras: referências inequívocas às vidas sucessivas constam do Antigo Testamento, no qual estudavam os Doutores. Mais do que isso, porém. Como lembra Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Capítulo 4º, itens 6 a 9), se a crença fosse um erro, Jesus não deixaria de combatê-la como o fez a tantas outras." Longe disso, porém, ele a sancionou com toda a sua autoridade, e a transformou num princípio, fazendo-a condição necessária, quando disse: *Ninguém pode ver o Reino dos Céus, se não nascer de novo*. E insistiu, acrescentando: *Não te maravilhes de eu ter dito que é necessário nascer de novo.*"

Posteriormente elaborou-se uma interpretação sofisticada, segundo a qual renascimento seria a renovação íntima do indivíduo que, de "homem velho" se transformaria pelo esforço próprio em "homem novo". Como imagem, a ideia pode ser válida e até interessante e aceitável ao longo dos milênios, mas não é isso que Jesus ensinou a Nicodemos.

É evidente, também, que a doutrina dos renascimentos - e, portanto, das vidas sucessivas ou reencarnação - era pacificamente aceita por pessoas comuns e aparentemente de menor saber do que os Doutores da Lei. E isto é fácil de comprovar-se com textos muito claros e explícitos. Vejamos.

A VOLTA DE ELIAS

Malaquias profetizara por volta do ano 450 A.C., que Elias, um dos maiores e mais respeitados profetas de Israel, voltaria à Terra no tempo devido, na condição de precursor de alguém de hierarquia infinitamente mais elevada do que ele.

- Eis que envio o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E de repente virá ao seu templo, o *Senhor que vós buscais, o anjo da aliança que desejais*. (Mal. 3: 1).

Façamos aqui uma pausa necessária a uma observação importante. Seria enigmática a informação de que o esperado e desejado Senhor *viria ao seu templo*, se não fôssemos encontrar em outra passagem (João 2: 19- 21) a chave certa para abrir o seu sentido ao nosso entendimento.

- Destruí este templo - disse Jesus - e em três dias o levantarei.

- Em quarenta e seis anos foi edificado este templo - lhe respondem - e tu o levantarás em três dias?

"*Ele, porém, falava de seu corpo*", comenta João. Do que se depreende que a expressão "ir para o seu templo" equivale a nascer, a fim de viver na terra entre os homens.

Outro aspecto relevante ressalta desta breve passagem: a doutrina da preexistência do Espírito. "Eis que envio o meu mensageiro..." que, aliás, vem preparar os caminhos de outro mensageiro mais elevado. Esses Espíritos, portanto, *já existiam*. Não é anunciada a *criação* deles para ocuparem corpos na Terra, mas o *envio* deles. A um - o Cristo - a palavra da profecia se refere como "o Senhor que vós buscais, o anjo da aliança que desejais". Aí estava, pois, um Espírito de elevada condição já conhecido pelas suas virtudes e saber e outro que se tornara igualmente conhecido e respeitado como profeta.

Prossigamos.

Após participarem do belíssimo episódio conhecido como o da transfiguração, no qual Jesus, resplandecente de luz, conversa com os Espíritos de Moisés e de Elias, os discípulos que, obviamente, conheciam a profecia de Malaquias, perguntam a Jesus:

- Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro? (Mat.17:10-13).

Para o entendimento daqueles homens estava, pois, faltando um dado importante. Vejamos bem de perto a situação. O profeta anunciara há séculos que, antes de vir o Senhor, viria Elias de volta à terra, a fim de preparar-lhe os caminhos. Ora, os apóstolos, àquela altura, não tinham dúvida alguma de que Jesus era o Messias prometido a quem Malaquias, entre outros, se referira. Um ponto ficara, porém, obscuro para eles: a inexplicável ausência de Elias. Daí a pergunta:

- Por que dizem os escribas que *Elias deve vir primeiro*?

A explícita resposta de Jesus não deixa margem a contestação ou dúvida, pela sua singela clareza. Em primeiro lugar, ele confirma a profecia: é verdade, sim, que Elias tinha que vir, como foi anunciado. E prossegue, informando que ele viera de fato, mas não fora reconhecido. Ao contrário, "fizeram dele quanto quiseram" e acabaram por executá-lo, como, aliás, o fariam com ele próprio, Jesus.

Mateus encerra a narrativa com esta frase indisputável.

- Os discípulos compreenderam, então, que *ele lhes falava de João Batista*.

ALGUMAS CONCLUSOES

Vamos, pois, alinhar aqui algumas conclusões que esses textos nos oferecem:

• *A confirmação da profecia de Malaquias*, segundo a qual Elias voltaria à Terra antes do Messias, evidentemente em outro corpo, com outro nome, em outra época, ou seja, em outra existência. Como poderia ele, a não ser assim, exercer sua tarefa de precursor entre os homens e preparar os caminhos daquele que também tomaria um corpo, isto é, *viria para o seu templo?*

• *A informação de que o Espírito de Elias era o mesmo que animara o corpo de João Batista*, recentemente executado por ordem de Herodes e não um novo espírito criado para o corpo deste. Esse mesmo João, conforme Jesus declara em outra passagem, é espírito de elevadíssima condição, embora "no Reino dos Céus" fosse ainda um dos menores. Isto porque, a despeito de sua grandeza espiritual, João Batista ainda trazia certos compromissos cármicos em aberto. Como Elias, mandara degolar implacavelmente os sacerdotes de Baal no dramático desafio narrado em 1º Reis, Capítulo 18. "Disse-lhes Elias: Agarrai os profetas de Baal; que nenhum deles escape. Agarraram-nos. Elias fê-los descer à torrente do Kishon e *ali os matou.* "

• *A aceitação tácita* - pelo menos pelos três que acompanharam Jesus à cena da transfiguração: Pedro, Tiago e João - *da doutrina das vidas sucessivas*, ou do renascimento, pois os discípulos não questionaram o Mestre, nem se mostraram perplexos, como Nicodemos, ante a informação de que Elias voltara como João Batista.

Isto nos leva a observar que a interpretação literal dos textos por parte dos Doutores mais autorizados da Lei era praticamente unânime. Ninguém estava interessado em buscar o sentido mais profundo dos escritos. Para Nicodemos, fariseu, Doutor da Lei e membro do Sinédrio, nascer de novo seria tão absurdo quanto um velho entrar novamente no ventre de sua mãe.

Da mesma forma, para os que debatiam com Jesus na Páscoa, *templo* era o monumental conjunto arquitetônico de pedra e argamassa, no recinto do qual se encontravam. Pouquíssimos ali - talvez ninguém - saberiam que ele se referia ao seu corpo, como Templo do Espírito. Ao que parece, os próprios discípulos somente foram entender a enigmática referência depois da ressurreição. E o que se deduz da seguinte observação de João:

- Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos *lembraram-se de que lhes havia dito isto* e creram na Escritura e na palavra que Jesus havia dito.

A REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA

Em suma, a Bíblia "fala", sim, em reencarnação, tanto quanto em bombardeiros nucleares feitos por velozes caças a jato. E não é tão difícil assim identificar os textos abertos com as chaves apropriadas - basta ter olhos de ver, basta levantar a letra e procurar o espírito que ela oculta.

Para isso não é necessário nem mesmo ser Doutor da Lei; ao contrário, Jesus certa vez orou a Deus, agradecendo-lhe o haver o Pai escondido certas coisas aos sábios entendidos e as revelado aos pequeninos e humildes...

Por isso disse também que trazia luz aos cegos e cegueira aos que viam.

Parece haver, no mundo de hoje, um número crescente de "sábios e entendidos", porque são multidão os que olham e não enxergam.

Aliás, documentos históricos como a Bíblia, podem admitir reinterpretações apoiadas em novos elementos informativos de absoluta confiança. Traduções forçadas para permitirem a acomodação de ideias pessoais de seus tradutores ou copistas têm sido comuns em todos os tempos e em muitos idiomas. Prevendo isso e no firme propósito de preservar a integridade e pureza do seu texto, João escreveu no Apocalipse (22: 18-19):

- Eu testifico a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas escritas neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritas neste livro.

Paulo, a seu turno, observou, não quanto às alterações textuais, mas quanto às responsabilidades de cada pregador cristão, o cuidado que deve pôr na interpretação do que lê. Ouçamo-lo em 2 Cor. 3: 5-6:

- ...a nossa capacidade vem de Deus, o qual também nos fez idôneos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito: pois a letra mata, mas o espírito vivifica.

Em resumo: em textos históricos há espaço para interpretar o que está escrito, mas não para acrescentar, subtrair, mutilar, deformar e falsear. As responsabilidades do pregador estão muito bem definidas e a advertência é claríssima: atenção para o espírito, cuidado com a letra morta. Muito cuidado, também, com a vaidosa erudição, que procura mais atentamente os meios de exaltar-se do que a singela e direta abordagem dos simples. Nicodemos era sábio e entendido e, no entanto, ignorava o sentido de importantíssimas passagens bíblicas, enquanto aos apóstolos - rudes pescadores, artesãos e trabalhadores braçais - a verdade se revelava em toda a sua beleza.

O DECALOGO

As cinco obras básicas atribuídas à autoria de Moisés representam as tônicas do pensamento religioso dos judeus. Uma parte caracteriza-se como de origem nitidamente espiritual, conteúdo permanente e de interesse geral, universal, transcendendo limitações de tempo e espaço, raça e culto. A essência de tal pensamento está sumarizada no Decálogo. Uma certa unanimidade existe em torno da considerável importância desse documento. É ele a base, o ponto de partida, a estrutura de todo o desenvolvimento posterior de uma ética para as multidões que viriam a integrar a tradição judeu-cristã. Quando o Cristo dizia que não veio derogar a lei e sim fazê-la cumprir, é certo que se referia a esse conteúdo espiritual, intemporal e universal do Decálogo.

O restante da obra de Moisés é desdobramento, detalhamento daquele código básico com a finalidade de adaptá-lo ao que Kardec chama em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* de "costumes e (...) caráter do povo" hebreu. É como se fossem a lei e a sua regulamentação.

Há, pois, no Pentateuco, um código permanente de ética ao lado de uma legislação mais ou menos variável e adaptada à época e aos hábitos bem como às crenças específicas do povo hebreu.

É indisputável a autoridade do Decálogo. Reconhecendo isto, a própria Igreja Católica resolveu -aceitá-lo e incorporá-lo aos seus ensinamentos, exatamente por entender que a sua moral é sólida e que seus preceitos estão acima de posturas meramente sectárias. Qualquer religião que se preze há de recomendar o que ali está exposto: o respeito a Deus, a verdade, aos pais, à vida e aos bens alheios. Um exame atento dos textos nos leva, não obstante, a admitir que o Decálogo não é um documento de amor e sim de comando. Não é sem razão, pois, que seja também conhecido como os "Dez Mandamentos". Mais claro ainda em inglês: "The Ten Commandments", o que dá, ao pé da letra - "Os Dez *Comandos*". O primeiro preceito não nos convida a amar a Deus - identifica-o e determina secamente: "Não tereis, diante de mim, outros deuses". Aliás, quase todo o Decálogo é vazado em forma negativo-imperativa: *não* mates, *não* cometas adultério, *não* roubes, *não* prestes falso testemunho, *não* desejes a mulher do próximo, *não* cobices os bens alheios. Somente dois dos preceitos são escritos de forma positiva - a santificação de um dia por semana e o respeito aos pais, este último, mesmo assim, não tanto por amor, mas para que se possa viver "longo tempo na Terra" que Deus daria ao povo hebreu.

A doutrina do amor, mantido o respeito pelas determinações do Decálogo, seria introduzida alguns séculos depois pelo Cristo.

Estas observações não têm o caráter de uma crítica que, obviamente, nada retiraria do mérito incontestável que todos reconhecem no Decálogo. O Mundo Espiritual sabe dosar bem os ensinamentos que nos traz. A um povo rude, ainda turbulento e heterogêneo como os hebreus nômades dos primeiros tempos, seria totalmente inócuo um código que apenas fizesse apelo ao amor fraterno, à mansuetude, à obediência consciente e voluntária. Não é com gestos amistosos e fraternos que conseguiremos convencer um tigre a não nos devorar. É preciso, primeiro, domesticá-lo, levando-o, pela energia e persuasão insistentes, a compreender a força do amor, traduzida em bons tratos ao nível de sua inteligência

primitiva. Só então ele aceitará uma carícia na sua cabeçorra sem abocanhar-nos a mão.

O Decálogo figura duas vezes no Pentateuco: em Êxodo 20: 2-17 e em Deuteronômio 5: 6-18. Há variações substanciais entre um texto e outro, mas não tão significativas que invalidem as colocações nele contidas. Os exegetas do Antigo Testamento acham que os textos, tal como hoje os conhecemos, resultam da expansão posterior de uma versão original e primitiva bem mais sintética. Não vamos entrar nestas minúcias, dado que, para os objetivos deste trabalho, nosso interesse fica centrado no "Primeiro Mandamento", cujo texto não sofreu variações de substância nas duas versões conhecidas.

O PRIMEIRO MANDAMENTO

A primeira e mais importante alusão à doutrina das vidas sucessivas se acha contida exatamente no mandamento inicial do Decálogo. Vamos olhá-lo com olhos de ver:

- Eu sou Jeová, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa de servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo na terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto, porque eu, Jeová, teu Deus, sou Deus zeloso (1), que visito a iniquidade dos pais nos filhos, *na terceira e na quarta geração* daqueles que me aborrecem, e uso misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos (Exo. 20:2-6).

(1) A maioria dos textos emprega a palavra *zeloso* (*celoso*, em espanhol; *jealous*, em inglês; *jaloux*, em francês) que não têm, em português, a mesma conotação específica exigida pelo texto bíblico. O termo exato aqui é *ciumento*.

Estamos recorrendo, nesta citação, ao texto da tradução brasileira segundo os originais hebraico e grego publicados sob a responsabilidade da American Bible Society. Esta é uma das poucas, se não a única versão hoje em circulação, que manteve sua fidelidade ao texto da Vulgata que diz: "in tertiam et quartam generationem ...", ou seja, "*na terceira e na quarta geração*" e não "*até a terceira e quarta gerações*", como consta de praticamente todas as versões mais modernas. O *até* figura nas traduções de Antônio Pereira de Figueiredo (minha edição é de 1937), na de João Ferreira de Almeida (sem data, mas certamente, anterior a 1948) e na Bíblia de Jerusalém, edição em espanhol da Desclée de Brouwer/Ediciones Nauta. (*O imprimatur* do Vigário geral de Salamanca e o *nihil obstat* do censor são datados de 1969). Idêntica opção foi adotada por várias outras versões existentes. Em erro idêntico incidiu a famosa versão protestante inglesa autorizada pelo rei James I no século 17, que adotou a forma arcaica *unto*, também equivalente ao nosso *até*.

Contudo, a expressão correta "*na terceira e na quarta geração*", em lugar de "*até a terceira e quarta gerações*", foi também adotada por um dos mais eminentes linguistas deste século, o Dr. Zamenhof, criador do Esperanto. Na sua impecável tradução da Bíblia para a língua universal, escreveu ele "en la tria kaj kvara generacioj", ou seja, "*na terceira e quarta gerações...*"

DE QUEM É A CULPA?

Mas por que é tão importante a troca de uma (aparentemente) inocente partícula? A razão é simples. Com a finalidade de fazer o texto concordar com a doutrina de uma só existência na carne, acoplada a esta outra de que para cada ser humano que nasce é criado um espírito novinho em folha, sem passado, os tradutores optaram pelo *até* e, com isto, atribuíram - talvez inadvertidamente - à justiça divina um caráter monstruoso, fazendo crer que ela pune em filhos, netos e bisnetos, nos quais se presume a inocência, os crimes cometidos pelos pais, avós e bisavós, o que contradiz expressões inequívocas e até veementes, como já vimos e ainda veremos outras.

Em primeiro lugar, Deus não pune ninguém no sentido estrito da palavra - o indivíduo sofre pelos erros que cometeu porque a Lei divina do equilíbrio universal exige dele, através da sua consciência, o ajuste, a correção, o resgate, que repõem as coisas no seu devido lugar. O sofrimento vicário, isto é, em lugar de outra pessoa, seria iníquo e é inadmissível, até mesmo ante as imperfeitas leis humanas. Seria exigir do inocente o cumprimento de uma pena por crime que ele não cometeu, tanto quanto estimular com a impunidade o ato criminoso, liberando de toda e qualquer responsabilidade aquele que o praticou. A ser isto verdadeiro, não faria o menor sentido a severa advertência do Cristo em João 5: 14, onde está escrito:

- Olha, já estás são; não peques mais *para que não te suceda coisa pior*.

A despeito de opiniões em contrário de exegetas dogmáticos, o Cristo deixou bem claro nesta, como em outras passagens, que o sofrimento é consequência do erro e que, inversamente, o erro leva fatalmente à dor. Esse conceito da responsabilidade pessoal de cada um de nós está implícito e explícito em toda a pregação de Jesus. A troca do ódio pelo amor, do perdão pela vingança, o oferecimento de uma das faces a quem já nos esbofeteou a outra, têm o mesmo propósito - o de nos ensinarem que o amor liberta, o sofrimento resgata, enquanto o ódio nos acorrenta cada vez mais à dor.

O REAJUSTE

Se o erro não for resgatado em uma existência, é claro que o será em outra, não no inferno por uma condenação eterna, igualmente inadmissível da parte de Deus, nem na penitenciária provisória do purgatório, mas numa oportunidade subsequente, aqui mesmo, onde e quando for possível reunir as condições exigidas para o exercício do ajuste perante a lei desrespeitada.

Cada um responde inapelavelmente, pois, pelos seus erros, cuja responsabilidade é intransferível. Seria muito cômodo, mas desastroso para o equilíbrio ético do universo, que cada um pudesse cometer à vontade seus crimes e deixá-los para serem resgatados, na dor, pelos seus descendentes.

Pode-se argumentar aqui: "sim, mas para estes há o inferno, onde o sofrimento é eterno". Novamente errado. Em primeiro lugar, porque isto se choca frontalmente com a doutrina do amor e do perdão que Jesus ensinou repetidamente. Se ao homem ele recomendou que perdoasse setenta vezes sete, como admitir que Deus não perdoe uma só vez, por mais grave que seja a ofensa? Por outro lado, o perdão divino não nos põe a salvo da responsabilidade pelo crime cometido. O perdão é realmente divino, como diz o provérbio, mas a lei exige de cada um o resgate, o reparo, e a consciência nos impele à aceitação, ainda que relutante, dos sofrimentos decorrentes e que, muitas vezes, ficaram como opção final e única aberta à nossa libertação e pacificação. A bondade de Deus está não apenas em conceder invariavelmente o perdão, mas também em proporcionar as oportunidades de ajuste. Resta, ainda, outro aspecto importante e nem sempre lembrado: por que cobrar com a "punição eterna" o pecado que, afinal de contas, seria resgatado por netos e bisnetos? E mais ainda: se o criminoso tem o seu crime cobrado aos seus descendentes, infere-se que está redimido e, portanto, poderia ser encaminhado ao céu...

Veja, pois, o leitor a que escalada de incongruências nos leva uma premissa falsa, uma única, ou seja, a de que nossos descendentes podem pagar pelos nossos erros.

NASCER DE NOVO

Resta, portanto, a alternativa válida de que quando o ajuste não pode ser realizado numa vida, ele se transfere para nova existência na carne daquele mesmo ser espiritual que errou e não de outro.

É este, pois, o sentido da afirmativa de que a "iniquidade dos pais" é cobrada pela lei divina "na terceira ou na quarta geração". Ou seja, aquele que cometeu o erro irá *nascer de novo* - em outro corpo físico, em outra época, com outro nome, em outra existência, portanto - a fim de resgatar as suas culpas. Só raramente tal renascimento ou reencarnação ocorre logo na segunda geração. Seria necessário, para isto, que o indivíduo morresse ainda relativamente jovem e se reencarnasse imediatamente, ainda como filho ou filha do cônjuge sobrevivente.

Exemplifiquemos para maior clareza. João e Maria são casados. Suponhamos que João morra ainda jovem em consequência de um acidente. Maria, viúva, casa-se pouco depois com Pedro e começa a ter filhos com o novo esposo. Entre esses poderá renascer o "falecido" João, agora como filho daquela que foi sua própria esposa, ou seja, *na segunda geração*, segundo a linguagem bíblica.

O mais comum, porém, é que tais renascimentos ocorram, como diz o Decálogo, *na terceira ou na quarta* geração ou, mesmo, muito mais tarde e não necessariamente no mesmo grupo familiar.

Depreende-se, pois, que quem escreveu o texto do Primeiro Mandamento tinha plena consciência do mecanismo das vidas sucessivas, ou seja, sabia que o Espírito costuma renascer três ou quatro gerações adiante, a fim de resgatar seus erros ou dar prosseguimento às suas tarefas. A severa linguagem da época atribuía ao próprio Deus um propósito punitivo, o que é falso, mas ensinava também que a oportunidade do reajuste ocorreria nas gerações ou renascimentos seguintes, quando aqueles mesmos espíritos voltariam animando a personalidade de netos e bisnetos.

Não há dúvida, pois, de que o Decálogo consagra logo no seu Primeiro Mandamento estes três princípios fundamentais: a responsabilidade pessoal de cada um, o resgate pela expiação e a reencarnação.

INOCENTES E CULPADOS

Isso, aliás, não está apenas no Decálogo; confirma-se em outros pontos, como ainda mostraremos.

Em Êxodo 34, por exemplo, conta-se como foi que Moisés recebeu, pela segunda vez, o Decálogo. Segundo sabem os leitores da Bíblia, ele havia partido as tábuas da lei num impulso de cólera, ao ver, em seu retorno, que sua gente havia recaído na idolatria. Lembremo-nos de que, se o documento fosse de sua elaboração pessoal, ele não precisaria voltar ao monte para tornar a recebê-lo na solidão, como o fez - bastaria reescrevê-lo de memória ou à vista de suas anotações pessoais.

Lá chegando, tem novamente a visão espiritual.

Vejamos.

- Passando Jeová por diante dele, proclamou: Jeová, Jeová, Deus misericordioso e clemente, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; e que *de maneira alguma terá por inocente o culpado*, visitando a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração.

Difícilmente poderia ser mais bem expressa a doutrina da responsabilidade pessoal. A frase é inequívoca: "*de maneira alguma terá por inocente o culpado*". Isto nos leva à recíproca que tem de ser igualmente verdadeira pelo princípio da analogia: o inocente não será *de maneira alguma* responsabilizado pela falta alheia. É assim, incongruente e contraditório concluir o período dizendo que *até* à terceira ou à quarta geração filhos e netos responderão pelos erros dos pais e avós.

E voltamos a lembrar: ainda que isto fosse aceitável, como admitir esse outro absurdo que é o inferno para castigar os que erraram se pelo mesmo erro são punidos os descendentes? E se Deus perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, como diz o texto, porque vai cobrá-los aos netos e bisnetos? E se até a quarta geração os crimes dos pais não estiverem resgatados pelos descendentes, caducaria o crime, prescreveria a falta? Ficariam todos isentos, perdoados, redimidos, purificados? E aqueles que não têm descendentes?

Certamente, não pode ser esse o espírito do texto. Lamentavelmente, como vemos, ficam os textos com as marcas das preferências dogmáticas de seus tradutores ou manipuladores. Ao tomar a Bíblia para consulta, o leitor precavido precisa saber preliminarmente se a versão é católica, protestante, ortodoxa ou o que seja, para saber como posicionar-se. Seria altamente desejável que expoentes da erudição bíblica, linguística e histórica se reunissem para elaborar um texto limpo, confiável, neutro, expurgado de conotações sectárias, fiel aos documentos originais. Que cada leitor o interpretasse a seu modo, mas que o texto básico fosse um só. Ao que vemos desde remotos tempos, nem mesmo versões obtidas no âmbito da mesma corrente religiosa concordam entre si e, algumas vezes, sequer a mesma versão é coerente consigo própria.

Vamos a um exemplo. A tradução dos originais hebraico, aramaico e grego feita pelos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica) e que o Centro Bíblico Católico verteu em português está nesse caso. Tenho diante de mim a 21ª edição da Editora Ave Maria, S. Paulo, 1975 e que diz, em Êxodo 20: 5-6, o seguinte:

- Eu sou o Senhor teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniquidade dos pais nos filhos,

nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam, mas uso de misericórdia até à milésima geração com aqueles que me amam e guardam meus mandamentos.

O texto nada diz sobre as famigeradas gerações da "vingança", podendo prestar-se, sob esse aspecto, à missão da doutrina das vidas sucessivas. Pelo menos não menciona ele a expressão "até a terceira ou quarta geração". Já a coisa fica outra quando o texto é repetido em Êxodo 34: 7, que está assim redigido:

- Javé, Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade, que conserva sua graça até mil gerações, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não tem por inocente o culpado, porque castiga o pecado dos pais nos filhos e nos filhos de seus filhos, até à terceira e à quarta geração.

Aí estão, de novo, todas as contradições de um Deus compassivo, misericordioso e bondoso que perdoa o erro, que identifica o culpado e, no entanto, *castiga* os inocentes que por infelicidade nasceram aí pela terceira ou quarta geração...

Era de supor-se, por outro lado, que pelo menos na questão vital das gerações os textos (Êxodo 20 e Êxodo 34) deveriam estar acordes, sem criar mais conflitos num trecho já bastante conflitado pela deformação.

Em suma: se, para Deus, o culpado não pode ser inocentado, como admitir-se que seja castigado o pecado por ele cometido na pessoa de filhos e netos?

A simples e elementar verdade, portanto, está em que precisamente porque Deus *perdoa, mas não inocenta* o culpado, é que este mesmo culpado e não outro irá renascer *na terceira ou na quarta* geração para responder pela sua falta. Nada mais, nada menos do que isso. O resto é sofisma ou, então, aquela dificuldade de perceber a verdade que Jesus identificou claramente nos que se tinham por doutos e entendidos.

Há mais, porém. Ao profetizar sobre a nova aliança, Jeremias declara, enfático:

- Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram as uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela sua iniquidade; todo o homem que comer uvas verdes, a esse é que lhe ficarão botos os dentes.

Uso novamente o texto da American Bible Society, tradução brasileira, atualizando apenas a grafia. A citação é Jeremias 31 : 29-30.

Não há dúvida, portanto, de que muitos interpretavam erroneamente o Decálogo. Aqueles que não tinham preparo suficiente para relacionar a passagem com a doutrina das vidas sucessivas, ficavam sem outra opção que não a de interpretá-la literalmente. É certo, porém, que sempre houve quem soubesse extrair do texto seu exato sentido. Seja como for, o profeta prevê uma época em que - diante de uma nova mensagem ou revelação, a que chama de Nova Aliança (a Doutrina Cristã, naturalmente) - não haveria mais dúvida de que cada um responde pelos seus atos e nunca pelos alheios.

Já na tradução do padre Mattos Soares (1) esse texto foi colocado logo abaixo de um subtítulo escolhido com muita propriedade e acerto: *Responsabilidade individual*. Foram aí utilizados dois conceitos fundamentais para caracterizar a situação. De fato, o que existe aí, em primeiro lugar, é a definição de *responsabilidade* perante a lei divina. E, em segundo lugar, o fato de que essa responsabilidade é pessoal, *individual*, intransferível. Ninguém pode esperar que seus crimes sejam resgatados por outrem - e logo filhos e netos? E - repetimos - quem não tiver descendência? Se alguém comete erros deliberadamente, confiando nessa esdrúxula teoria de que "os outros" vão pagá-los, não pode ser uma

pessoa *responsável*.

O que o texto pretende deixar bem claro, portanto, como que dirimindo qualquer dúvida de interpretação, é que *não são os filhos* que respondem pelos desatinos dos pais: se estes comerem uvas verdes os seus próprios dentes ficarão prejudicados e não os dos filhos. Para melhor caracterização do problema e precisamente para indicar que a interpretação antiga está errada, diz claramente o profeta: "não dirão mais" aquele absurdo e sim que cada um responde pelo que faz. Quem praticou a iniquidade *morrerá por ela* e, portanto, não a deixará para ninguém, da mesma forma que quem comeu uvas verdes, esse mesmo é que terá seus dentes danificados.

(1) São Paulo, Edições Paulinas, 1980, 36ª ed.

Ninguém ignora o elevado índice de acidez da uva verde e, por conseguinte, sua ação prejudicial sobre o esmalte dos dentes. Não é absurdo supor-se que o uso imoderado de uvas verdes possa resultar em prejuízo dos dentes a ponto de torná-los *botos*, ou seja, rombos, desgastados. Seria ridículo ensinar que um come a uva verde e os dentes dos outros é que vão sofrer. Trata-se, pois, de mais uma das maneiras de definir, com toda clareza e em linguagem de fácil entendimento e acesso, o conceito da *responsabilidade pessoal* de cada um pelas consequências de seus erros.

A LIÇÃO DE EZEQUIEL

Seria esta, porém, uma interpretação sofisticada, artificiosa, forçada, arranjada *a posteriori*; por aqueles que chegaram à certeza das vidas sucessivas? Negativo. Se alguém tem ainda alguma dúvida, há em Ezequiel todo um capítulo - o de número 18 - para definir e exemplificar com a maior nitidez e detalhamento o conceito da responsabilidade pessoal de cada um, destruindo o mito de que os filhos pagam pela iniquidade dos pais.

Vamos transcrevê-lo na íntegra, para que não haja dúvidas, nem seja necessário buscá-lo alhures. Mais uma vez recorro ao texto da American Bible Society.

- De novo veio a mim a palavra de Jeová, dizendo: Que quereis vós dizer, usando na terra de Israel deste provérbio: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos estão embotados? Pela minha vida, diz o Senhor Jeová, não tereis mais ocasião de usardes deste provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: *a alma que pecar, essa morrerá*. Porém, se um homem for justo, e fizer o que é equidade e justiça, e se não comer sobre os montes, nem levantar os seus olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminar a mulher do seu próximo, nem se chegar à mulher na sua separação; se não oprimir a ninguém, porém tornar ao devedor o seu penhor, se não tirar nada do alheio por violência, se der do seu pão ao que tem fome e ao nu cobrir com vestido; se não der o seu dinheiro à usura, nem receber mais do que o que emprestou, se desviar a sua mão da iniquidade, e fizer verdadeiro juízo entre homem e homem; se andar nos meus estatutos, e guardar os meus juízos, para proceder segundo a verdade; *este tal é justo, certamente viverá*, diz o Senhor Jeová. Se ele gerar um filho que se torne salteador, que derrame sangue e que faça a seu irmão qualquer destas coisas, e que não cumpra com nenhum destes deveres, porém, coma sobre os montes, e contamine a mulher do seu próximo, oprima o pobre e necessitado, tire de outro com violência, não devolva o penhor, e levante os seus olhos aos ídolos, cometa abominações, dê o seu dinheiro à usura, e receba mais do que emprestou: acaso viverá ele? Não viverá. Comete todas estas abominações; certamente morrerá, *o seu sangue será sobre ele*. Eis que se este por sua vez gerar um filho que, vendo todos os pecados cometidos por seu pai, tema e não faça coisas semelhantes, que não coma sobre os montes, nem levante os seus olhos aos ídolos da casa de Israel, que não contamine a mulher do seu próximo, nem oprima a pessoa alguma, que não empreste sobre penhores nem tire de outrem com violência, porém, dê o seu pão ao faminto, e ao nu cubra com vestido, que aparte do pobre a sua mão, que não receba usura nem mais do que emprestou, que execute os meus juízos, e ande nos meus estatutos; *este não morrerá por causa da iniquidade de seu pai, certamente viverá*. Quanto a seu pai, porque oprimiu cruelmente, tirou de seu irmão com violência, e fez o que não é bom entre o seu povo, eis que *ele morrerá na sua iniquidade*. Contudo dizeis: *Por que não leva o filho a iniquidade do pai?* Quando o filho fizer o que é de equidade e justiça, guardar todos os meus estatutos, e os cumprir, certamente viverá. *A alma que peca, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai nem o pai levará a iniquidade do filho. A justiça do justo será sobre ele, e a impiedade do ímpio será sobre ele*. Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer o que é de equidade e justiça, certamente viverá, não morrerá. Nenhuma das suas transgressões que

cometeu, será lembrada contra ele; na sua justiça que praticou viverá. Acaso tenho eu prazer com a morte do ímpio? diz o Senhor Jeová; não quero eu antes que se converta do seu caminho, e viva? Mas quando o justo se desviar da sua justiça, e cometer iniquidade, e fizer conforme todas as abominações que faz o ímpio, acaso viverá ele? Não será lembrado nenhum dos seus atos de justiça que praticou; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, neles morrerá. Contudo dizeis: O caminho do Senhor não é igual. Ouvi, pois, ó casa de Israel: Acaso não é igualo meu caminho? não são desiguais os vossos caminhos? Quando o justo se desviar da sua justiça, e cometer a iniquidade, e nela morrer; *na sua iniquidade que cometeu morrerá*. Outrossim, quando o ímpio se desviar da sua impiedade que cometeu, e fizer o que é de equidade e justiça, *conservará este a sua alma em vida*. Porquanto considera e se desvia de todas as suas transgressões que cometeu, certamente viverá, não morrerá. Contudo diz a casa de Israel: O caminho do Senhor não é igual. Acaso não são iguais os meus caminhos, ó casa de Israel? Portanto *vos julgarei, ó casa de Israel, cada um conforme os seus caminhos*, diz o Senhor Jeová. Convertedei-vos, e desviadei-vos de todas as vossas transgressões; assim a iniquidade não vos será pedra de tropeço. Lançai de vós todas as vossas transgressões, com que transgredistes; e fazei-vos um coração novo e um espírito novo. Pois, por que morrereis, ó casa de Israel? Porquanto não tenho prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jeová; portanto converteí-vos e vivei.

PRELIMINARES A UMA INTERPRETAÇÃO

Vamos, pois, ordenar as ideias expostas nesse longo trecho. Antes, um pouco de preparação que nos garanta o entendimento de certas referências a partir de definição de algumas preliminares.

Para os antigos, viver era o supremo bem, enquanto morrer, especialmente em pecado, a tragédia irreparável e definitiva. A seita dos saduceus, mais tarde, nem mesmo acreditaria na sobrevivência da alma; para eles, a morte era o fim.

Como já vimos, o prêmio que o Decálogo promete àquele que honra pai e mãe não é um paraíso póstumo, mas uma "longa vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te dará".

De certa forma, o conceito de que o pecado acarreta a morte do pecador preservou-se da dogmática cristã, dado que o pecado afasta o homem de Deus. É necessário entender bem que ninguém poderá *desligar-se* de Deus, simplesmente porque nada existe senão nele, criado e sustentado por ele. "Vivemos e nos movemos em Deus e nele temos o nosso ser", disse Paulo de Tarso. A linguagem bíblica, porém, é rica em simbolismos, que outra coisa não são senão maneiras de expressar verdades ainda transcendentais, de forma que o maior número possível de pessoas possa entendê-las. Como dizer, por exemplo, que o erro nos aliena de Deus, senão dizendo que Deus nos vira o rosto, ou que se aparta de nós e nos deixa entregues à nossa sorte, ou nos castiga, ou nos priva daqueles bens que mais desejamos? Quando se quer, por exemplo, caracterizar a gravidade do erro cometido por Adão e Eva - uma evidente alegoria - o autor do Pentateuco declara que a primeira providência de Deus foi expulsá-los do Éden, onde viviam na maior felicidade e inocência.

A "morte da alma" era, pois, a pena máxima. Não que na concepção daqueles povos a alma fosse perecível, porque os justos iam para o "seio de Abraão" e os pecadores para a região de agonias e trevas, o "sheol". Cada povo ou seita tem a sua maneira de figurar esses dois polos opostos da destinação: os bons, de um lado e os maus de outro.

A Doutrina dos Espíritos veio, finalmente, esclarecer que tanto "céu" como "inferno" são estados d'alma porque o ser humano leva para onde for, aqui ou no mundo espiritual, o seu próprio "céu" ou o seu "inferno" interior.

Outro ponto a destacar, ainda nestas preliminares, é o conceito de justiça. Era considerado justo aquele que cumprisse rigorosamente os preceitos morais contidos na lei divina e nas prescrições posteriores elaboradas principalmente por Moisés. Justo era, portanto, o homem de bem, cumpridor de seus deveres religiosos e sociais; justa a mulher honesta, fiel, de procedimento correto. O prêmio do justo era o mesmo de sempre: viver. O destino do pecador, a morte. No contexto da linguagem moderna, o conceito bíblico de justiça tornou-se um tanto obscuro para a mentalidade atual. Praticar, fazer, exercer justiça hoje é diferente de ser justo tal como o entendiam os antigos judeus. No contexto da Bíblia, o ser humano é justo quando age com *justeza* e não necessariamente com *justiça*. Não é nada justo, por exemplo, aquele que resolve "fazer justiça por suas próprias mãos" e matar um inimigo.

Somente assim poderemos entender frases como esta: ele viverá por causa da justiça que praticou. Ou seja: aquele foi um homem justo - bom, caridoso, pacífico, correto - e por isso será premiado por suas virtudes.

Tanto é assim que não se emprega jamais a forma negativa em frases como esta: o *injusto* será castigado, ou morrerá pela sua *injustiça*.

Resta um terceiro e importante aspecto: a conceituação do que era considerado bom procedimento e, reversamente, mau procedimento. Era considerado bom (justo) aquele que cumpria os preceitos da lei. Quais eram? Não ser idólatra, não trair a sua mulher com outra, nem o seu amigo, ou irmão, seduzindo-lhes a esposa; não emprestar dinheiro a juros; não ser violento; ser caridoso na ajuda ao pobre; evitar, enfim, o mal e procurar praticar o bem, ainda que certas regrinhas, hoje inexpressivas, também fossem incluídas nas proibições, como "comer nos montes".

Era considerado ímpio (em oposição ao justo) aquele que praticasse os erros codificados na lei.

DEFINIÇÃO PRECISA DA RESPONSABILIDADE PESSOAL

Com essas considerações em mente, vamos, pois, ao exame do texto.

Segundo se infere, havia uma parábola entre os judeus que se convertera em provérbio, e que, aliás, continha uma inverdade, atribuindo a responsabilidade pelo pecado à alma do inocente e não à do pecador.

Vêm a seguir os exemplos. O homem bom (justo) poderá contar sem vacilações com o reconhecimento de sua bondade e retidão - ou seja, sua justiça, ou melhor ainda, sua justeza. Se, porém, seu filho for um mau elemento, responderá pelos seus próprios erros, isto é, "o seu sangue cairá sobre ele". Ele mesmo e não outrem.

Se, por sua vez, este filho mau tiver um filho bom e que, mesmo ante o exemplo maléfico do seu pai, proceder corretamente, o que sucederá? O pai não se livrará, por isso, dos seus erros, enquanto ele, o filho bom, terá o prêmio da sua bondade, nada tendo a responder pelas faltas do pai.

Há mais ainda: a culpa não é irremissível, imperdoável, eterna. Desde que o ímpio se corrija e se dedique à prática do bem, ficará recuperado. Na linguagem simbólica do texto, "nenhuma das suas transgressões que cometeu, será lembrada contra ele". Mas, atenção!, o prêmio continua merecido pela "justiça que praticou" ou seja, pelo bem que fez e não pelo mal que deixou de praticar.

Da mesma forma, aquele que sempre foi bom e, de repente, descamba para a prática do mal, é prontamente responsabilizado pelos erros que cometer. Ele próprio e não outra pessoa. Até mesmo o homem bom, que se voltar para a iniquidade, responderá por ela como qualquer ímpio. O que antes fizera de bom não o isenta de tal responsabilidade, porque certifica nele a persistência de tendências más ainda não superadas.

A ideia básica de toda essa longa exposição, portanto, é a de que somos julgados segundo nossos atos: "Portanto, ó casa de Israel, *vos julgarei cada um conforme os seus caminhos*". Prestaram bem atenção? *Cada um* de acordo com os *seus* caminhos ou atos e não pelo que *outros* tenham feito. O que comeu a uva verde, esse mesmo é que terá seus dentes estragados, não os seus filhos ou netos.

Figuremos, porém, o caso mais comum daqueles que não tiveram o bom senso e a disposição de se utilizar das oportunidades de conversão à prática do bem. Seja porque se comprazem no erro, seja porque, depois do esforço sobre-humano para serem bons, recaíram na prática do mal ou, ainda, porque tenham praticado crime grave já nos últimos momentos da vida terrena, sem tempo de corrigirem-se. Que fazer dessas multidões de seres em falta?

Já vimos que Deus está disposto a *esquecer* os erros daquele que se regenera, desde que ele se confirme na prática do bem. Já vimos também que Deus não deseja a *morte* do pecador, ou seja, a sua condenação, mas que ele renuncie ao erro. E se Deus não o deseja, hão de ser colocados ao alcance do pecador todos os recursos de que ele necessitar para recuperar-se, deixando para sempre de pecar. Como, porém, entender tais oportunidades de recuperação no contexto de uma só vida na carne? Como poderia o Pai desejar que o pecador se salve sem proporcionar-lhe os meios para fazê-lo? Não há, pois, como sofismar ante o esquema básico que se resume a seguir:

- Cada um responde pelos seus erros e tem o mérito de suas virtudes.
- Não há sofrimento inocente, nem recompensa imerecida por *herança*, *contágio*, ou por *procuração*. A cada um segundo suas obras.
- As oportunidades de reajuste são proporcionadas a todos indistintamente.
- O processo evolutivo - uma condição cósmica - exige um mecanismo de reajuste moral que é precisamente o das vidas sucessivas.

REFERÊNCIAS VELADAS

Vemos, portanto, que o Novo Testamento contém mais de uma alusão clara e específica acerca da doutrina das vidas sucessivas feitas pelo próprio Cristo e consideradas sem surpresa alguma pelos seus discípulos. Mas não apenas isso, pois Jesus entendia que referências não menos explícitas estavam inseridas no contexto do Antigo Testamento, sendo até surpreendente que mestres de boa formação escriturística, como Nicodemos, ignorassem esse importante aspecto da vida.

Além dos já mencionados versículos e até capítulos inteiros, como vimos em Ezequiel, a doutrina da reencarnação ou a da preexistência do espírito aparece com maior ou menor clareza e veladamente em trechos isolados, aparentemente desconexos, como este, por exemplo:

- Nu saí do ventre de minha mãe - Job 1 : 21 - e nu *tornarei para lá*; o Senhor o deu e o Senhor o tomou, bendito seja o nome do Senhor.

Uma análise do trecho autoriza tranquilamente o entendimento de uma realidade insofismável: a de que as leis divinas nos concedem um corpo de carne cada vez que precisamos voltar à terra para viver aqui as experiências e os testes que nos são necessários ao processo evolutivo. No fim de algum tempo, o corpo que nos foi dado é retomado e a vida prossegue, com a graça de Deus, porque vivos estamos sempre, na imortalidade estamos sempre.

Aliás, o Livro de Job se presta a inúmeras outras reflexões dentro desta mesma linha de pensamento, como o demonstrou o erudito Prof. Torres Pastorino em sua obra *La Reencarnación en el Antiguo Testamento (1)*.

(1) Edição Sabedoria, s/d, separata de *Spiritus*.

Vejamos outro desses versículos, agora em Eclesiastes 6:6:

- Ainda que vivesse duas vezes mil anos e não visse o bem, porventura todos não vão para um mesmo lugar?

As vidas podem desdobrar-se por um longuíssimo tempo sem que sejamos testemunhas ou beneficiários da felicidade, mas a destinação final de todas as criaturas é sempre a mesma - a paz em Deus. Lá chegaremos todos um dia e como poderíamos chegar se não nos fossem proporcionadas repetidas e inesgotáveis oportunidades de reavaliação, reajuste e refazimento? Não é outro o sentido da famosa doutrina da predestinação. Todos estamos predestinados à salvação, ou seja, à redenção em Deus, por mais longos e tortuosos que sejam os nossos caminhos.

- Aquele que leva a preciosa semente - diz o Salmista 126: 6 - andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria trazendo consigo seus molhos.

Experimentemos "traduzir" o simbolismo dessa linguagem subjetiva em termos objetivos e de entendimento mais fácil. Se a criatura sofre, mas traz em si a valiosa atitude da conformação e segue obstinadamente em frente, ainda que em pranto, há de merecer fatalmente existências felizes, nas quais irá colher, com alegria, aquilo que semeou com lágrimas num doloroso passado de resgate.

QUEM PECOU?

Vejamos, porém, de volta ao Novo Testamento, outros pontos em que a doutrina das vidas sucessivas, ainda que não explicitamente mencionada, é logicamente inferida e sem ela pouco ou nenhum sentido teria o texto.

Este, por exemplo, em João 9: 1-14:

- Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença.

Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus nele sejam manifestas.

Mais uma vez observamos que a doutrina das vidas sucessivas era perfeitamente familiar aos discípulos, o que se evidencia na própria maneira de formular a pergunta "*Foi ele quem pecou ou foram seus pais?*". Se não acreditassem numa responsabilidade preexistente, como iriam perguntar por que *um cego de nascença* estava sendo castigado? Segundo o falso conceito de que para cada nascimento na carne Deus cria uma alma, como explicar que fosse punido aquele que, nascendo cego, não tivera a mínima oportunidade de pecar? Havia outra opção: estaria o cego respondendo pelos pecados de seus pais?

O entendimento da explicação dada pelo Cristo exige nítida compreensão do contexto em que foi formulada a pergunta. Vejamos o quadro. Ali estava um homem que nunca vira a luz do dia. Nascera cego e mendigava pelas ruas e praças de Jerusalém. Era uma figura popular, conhecida, pois se tratava de uma cidade relativamente pequena ante os padrões modernos - não mais de 100 mil habitantes, se tanto. Aliás, não é preciso imaginar ou fantasiar isso, pois o texto mesmo esclarece. "Não é este o que se assentava para mendigar?", perguntam alguns. "É ele mesmo", respondem outros. "Não é, informavam outros, mas é parecido com ele". O mendigo confirmou que era ele mesmo. A definição da sua identidade ainda ficou mais precisa quando ele se apresentou aos fariseus, indignados porque o Cristo havia curado o homem num sábado, coisa gravíssima perante a lei. Mandaram chamar os pais do ex-cego, que assim falaram cautelosamente: "Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego, mas como agora vê, não sabemos. Interrogai-o, já tem idade; ele mesmo falará por si". Foi o que fizeram os fariseus.

Uma convicção pode ser aqui inferida, portanto, com toda tranquilidade: o mendigo cego era razoavelmente conhecido. Jerusalém não era uma metrópole de milhões de habitantes; muitos se conheciam desde a infância até à velhice. Era sabido que aquele infeliz levava a sua vida a tatear pelas sombras e a mendigar escassas moedas que lhe garantissem um mínimo de pão e uma túnica pobre. Não tivera, sequer, oportunidade de pecar tão gravemente contra a lei divina, pelo menos *naquela existência* áspera e trevosa. Mas, pecado certamente havia. Jesus é claro em mais de uma passagem ao identificar o sofrimento com a culpa, a punição com o pecado. Ao curar, por exemplo, o enfermo à beira da piscina que fica junto à Porta das Ovelhas, advertiu:

"Olha, estás curado; *não peques mais, para que não te suceda coisa pior*".

Admitamos, porém, que no caso deste último não tenha ficado claramente estabelecido se ele pecou ou não *naquela vida* para merecer tão penosa provação. Poderia

tê-lo feito, ainda que não seja comum resgatarmos numa vida os crimes cometidos naquela mesma vida. Mesmo assim, fica o conceito do erro ligado ao do sofrimento, o resgate como fatalidade ante o pecado cometido. Quanto ao cego de nascença, contudo, não há como sofismar: não era conhecido nenhum crime ou erro que justificasse a dolorosa punição da cegueira, pois já nascera cego, sem ter tido ocasião de pecar. Não era, portanto, ele - o *cego daquela vida* - o pecador. Muito menos seus pais, doutrina que Jesus repele enfaticamente.

Em suma, a questão se coloca dentro do seguinte esquema:

- O sofrimento decorre sempre do erro praticado. Não há sofrimento inocente, injusto, indevido.

- Aquele homem nascera cego e não tivera oportunidade de pecar naquela vida como cego.

- Ninguém responde pelos pecados alheios. O pecado que ele resgatava com a sua cegueira não era de seus pais, mesmo porque seria injusto inocentar pais criminosos através do sofrimento do filho tido por inocente.

Uma única opção é deixada livre e esta é a que Jesus ensina: manifestava-se no episódio daquela cegueira aparentemente inexplicável em termos humanos, o mecanismo inexorável das leis divinas. Aquele espírito cometera anteriormente àquela existência, numa vida anterior e não na presente, como cego, algum erro gravíssimo que a lei divina lhe cobrava agora, a fim de levá-lo ao entendimento de que as consequências do pecado se voltam implacavelmente sobre nós mesmos, como está dito alhures no Antigo e no Novo Testamento. E não nos libertamos dos nossos erros enquanto não estiver pago o último centavo, como ficou dito em Lucas 12: 59.

Embora os textos sobreviventes tenham conservado apenas as sumárias observações de Jesus, é bem provável que na intimidade do grupo de discípulos mais chegados, tenha ele aprofundado o tema, explicando-o com minúcias, dado que não há registro de contestação ou pedido de explicações por parte dos apóstolos.

Entendimento exatamente igual ao que foi dado ao caso do cego deve ser aplicado ao do paraplégico, também de nascença, que Pedro curou nas vizinhanças da Porta Formosa, após a partida de Jesus para o Mundo Espiritual. Este episódio, de uma beleza transcendental, vem narrado no Capítulo 39 dos Atos. O mendigo pedira apenas uma esmola. A resposta de Pedro, um grande e querido emotivo, é antológica:

- Não tenho prata nem ouro - disse ele - mas o que tenho te dou: Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda!

Que pecado cometera este homem? Estaria resgatando erros de seus pais? Cabe, por conseguinte, a mesma explicação dada pelo Cristo anteriormente no caso do cego de nascença: manifestava-se nele o mecanismo das leis divinas.

A CASA DIVIDIDA

Em Lucas 12:51-53 vamos encontrar mais uma referência indireta à doutrina das vidas sucessivas. Vamos ler o trecho:

- Pensais que vim trazer paz à terra? Não, eu vo-lo digo, mas divisão; porque de ora em diante, haverá numa casa cinco pessoas divididas, três contra duas, e duas contra três; estarão divididas: o pai contra seu filho, e o filho contra seu pai; a mãe contra sua filha, e a filha contra sua mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra sua sogra.

Por que toda essa divergência e desentendimentos mútuos? Em primeiro lugar, por causa da disputa que as doutrinas de Jesus iriam suscitar nos diferentes grupos familiares e sociais - o que de fato sucedeu - mas, também porque as desinteligências são muito mais comuns entre aqueles que ainda se acham espiritualmente desajustados, desarmonizados. Só excepcionalmente os grupos familiares reúnem espíritos de elevado nível evolutivo, que se amem, se compreendam e se respeitem mutuamente. Estes são relativamente felizes e, ainda que divergindo aqui e ali em questões de menor importância, não dão oportunidade à eclosão de conflitos. O comum nos grupos familiares é a reunião de espíritos indiferentes ou francamente hostis uns aos outros. Ressentimentos, intolerâncias ou antipatias e até ódios, inexplicáveis pelos meios usuais, explodem frequentemente em hostilidades abertas por causa de verdadeiras trivialidades ou suscitadas por divergências puramente opinativas. Um dos membros, por exemplo, se fanatiza por determinada seita, enquanto outro lhe é indiferente ou a combate. *Ar* está o suficiente para gerar uma atmosfera de permanente desarmonia que pode acabar em rancores de difícil solução. Não pelas opiniões em si, porque cada um de nós é livre de escolher seus caminhos, por mais tortuosos que sejam - é porque os espíritos, que estão reunidos precisamente para aprenderem a se estimar e respeitar reciprocamente, trazem ainda, de outras vidas, ódios acirrados, mágoas não superadas. Em tal situação, não é a doutrina cristã que os separa, mas qualquer assunto colocado em pauta. Basta observar o noticiário policial na imprensa diária para se tomar conhecimento da quantidade de crimes graves cometidos pelos mais fúteis motivos: uma discussão sobre futebol, uma divergência de natureza política, um gesto ou atitude mal compreendido, uma palavra impensada ou até um simples olhar enigmático.

Qualquer fagulha aparentemente inocente pode suscitar um incêndio de vastas proporções entre aqueles que trazem nas profundezas da memória integral rancores não solucionados contra inimigos de outrora. A lei divina os põe juntos exatamente para aprenderem a praticar o preceito universal do amor fraterno. Muitos são, contudo, os que preferem agravar suas dores com a perpetuação das hostilidades.

A doutrina de Jesus tem servido a inumeráveis espíritos desatinados, tal como ele previu, de motivação e pretexto para crimes inomináveis, tanto pessoais como coletivos. São multidão os que se tem odiado cegamente em nome da doutrina do amor. Muitos desses ódios tenebrosos explodem no círculo familiar. No contexto das vidas sucessivas não importa muito a posição do espírito nesta ou naquela seita, nesta ou naquela crença - importa o seu aprendizado, importa o bem que ele conseguiu construir em si, a paz que tenha conseguido realizar, a tolerância que tenha alcançado cultivar em relação aos outros, simultaneamente com a severidade consigo mesmo. Ao contemplarmos nossas vidas

anteriores, podemos ver com meridiana clareza a relatividade desses posicionamentos. Já adoramos astros e figuras mitológicas; já rendemos culto a muitos deuses e a alegorias; já fomos judeus, muçulmanos, católicos, protestantes, budistas; já adotamos estranhos e desvairados cultos; já fomos crentes e descrentes. De todo esse peregrinar nos pantanais de muitos erros, colhemos algumas plantas raras e algumas pedras preciosas. No consenso geral, há um aproveitamento em termos evolutivos porque há sempre a conquista do conhecimento e o desenvolvimento das estruturas éticas do ser. Pouco adiantará tudo isso, porém, se não tivermos também absorvido a lição universal do amor, a medida de todas as coisas, porque é da essência de Deus.

Os espíritos mais vividos e experimentados, "as velhas almas", como costumam dizer os ingleses, sabem que a obstinação e o fanatismo do companheiro de jornada evolutiva em determinados cultos e dogmas são fenômenos transitórios, são etapas, são graus de maturação espiritual. Não adianta desejar colher o fruto antes que esteja maduro, não vale forçá-lo a alcançar uma verdade para a qual sua estatura moral ainda não dá. Daí a tolerância que gera a paz, mesmo entre seres conflitados. Muitas vezes, num grupo familiar, no qual viva uma só dessas "velhas almas", se consegue um pouco, um mínimo de harmonização. Fica, porém, o conceito de que não podemos dar aquilo que ainda não temos para dar e que o procedimento do grupo como um todo é a resultante do estágio evolutivo de cada espírito ali presente. Que outra doutrina poderia ser invocada para explicar com essa lógica serena a motivação dos conflitos que o Cristo previa acertadamente como tudo quanto previu e disse, entre os espíritos do mesmo grupo familiar?

O PROBLEMA DA PREEEXISTÊNCIA

Creio oportuno tratar aqui esta questão pela sua íntima conexão com a da reencarnação.

De fato, admitida a existência do espírito como princípio inteligente do universo, conceito que é da essência mesma de todos os sistemas espiritualistas de pensamento, três aspectos fundamentais presidem à movimentação do ser nos dois planos da vida: preexistência, reencarnação e sobrevivência à morte corporal.

Qualquer que seja a corrente religiosa a que esteja filiado, nenhum cristão convicto deixará de admitir dois deles: existência e sobrevivência. O próprio objeto da prática religiosa é cuidar da alma aqui na terra para que ela tenha um destino póstumo satisfatório. Não há o que discutir aqui.

Já divergem um tanto entre si os cristãos tradicionais quanto a essa destinação mas não em substância, porque é praticamente unânime entre eles a aceitação do céu para premiar os bons e do inferno para punir os maus. A partir deste ponto, as coisas se complicam porque são muitos os que caracterizam o céu como graça que Deus concede a quem entender e não como resultante de uma conquista por esforço pessoal na prática do bem.

Contornaremos aqui esses aspectos que, embora importantes, nos levariam longe demais para o escopo deste trabalho.

Enquanto a sobrevivência do espírito é ponto pacífico e pressupõe logicamente sua existência, já a reencarnação parece assustar os novos doutores da lei, modernos Nicodemos, para os quais a pergunta de Jesus continua a ressoar através dos séculos: "És mestre e ignoras isso?".

Lamentavelmente, são esses "mestres" despreparados, dogmáticos e bloqueados no conceito de uma só vida que vêm dificultando às multidões a que pretendem ensinar a visão de uma realidade infinitamente mais inteligente e racional, expressa, aliás, com toda clareza nos textos que temos diante de nós, mas que tantos se recusam a ver. Como explicar essa obstinação em não querer ver? Haverá, por certo, inúmeras razões de ordem pessoal, mas creio que não seria absurdo resumi-las todas numa só, ainda que revestida de mil disfarces: *acomodação*. Há em nós todos um receio atávico do desconhecido o pânico ante o desmoronamento de certas estruturas interiores laboriosamente construídas no correr dos anos. Por um momento, parece que o solo vai faltar sob nossos pés. "Meu Deus!" E se essa história de reencarnação for mesmo verdadeira? Já imaginou que reviravolta na *minha* vida?" Para esses não importa a verdade e sim o pequeno universo interior, que precisa continuar bem arrumadinho para não se ter necessidade de pensar.

Assim, esses quatro princípios se acham tão íntima e solidamente interligados que só mesmo um lamentável e teimoso erro de avaliação insiste em mantê-los separados; aceitando dois - existência e sobrevivência - e rejeitando dois - preexistência e reencarnação.

Vejamos o encadeamento das ideias: o espírito existe. Temos a palavra respeitável do Antigo Testamento e o testemunho inequívoco do Cristo de que ele se reencarna. Ora, se ele nasce de novo, de volta à carne, é porque aqui já esteve em outras oportunidades, em

outras existências. Logo, ele, não apenas sobrevive à morte do corpo como também preexiste à nova vida na carne. Seria um insulto à inteligência do leitor razoavelmente informado mostrar aqui que Antigo e Novo Testamentos ensinam a doutrina da sobrevivência. Teríamos que transcrever praticamente toda a Bíblia, de vez que essa é a temática básica de tudo quanto ali está, do Gênese ao Apocalipse. O que, porém, nem todos observam é que, tanto quanto a doutrina das vidas sucessivas, a Bíblia ensina também - e não poderia deixar de fazê-lo sem tornar-se incoerente - a da preexistência do ser.

Relacionemos alguns exemplos.

- Antes que eu te formasse no ventre, te conheci; e antes que saíesses da madre, te santifiquei: um profeta para as nações te constituí (Jer. 1 : 5).

Alguma dúvida? O Espírito é convocado para uma importante missão de profeta entre os homens e tudo é programado no mundo espiritual antes mesmo que o corpo físico que lhe seria destinado começasse a ser gerado no ventre daquela que seria sua mãe. Já nasceu, pois, "santificado", isto é, com as condições necessárias ao exercício de suas faculdades mediúnicas - também chamadas de profetismo - que, como sabemos, possuem um componente físico, ou seja, um apoio no organismo.

- Eu era um menino bom, dotado de uma boa alma; escreve o autor de Sabedoria (8: 19- 20) - como era bom, *vim para um corpo* incontaminado.

Sem muito comentário: foi destinado àquele bom espírito, um corpo sadio.

- Pensas porventura que um homem já morto tornará a viver? - escreve Jó em 14: 14 - Todos os dias em que agora combato, espero até que chegue a minha mudança.

Que outra coisa estaria ele esperando com aquela *mudança* senão a oportunidade de uma nova existência, ou seja, a mudança de personalidade dentro do contexto da mesma individualidade?

- Jeová chamou-me desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe fez menção do meu nome; fez minha boca como uma espada aguda, na sombra de sua mão me escondeu (Isaías 49:1-2).

Tanto quanto a Jeremias, também a Isaías é atribuída - antes de nascer - a tarefa da profecia, ou seja, da mediunidade. Seu nome foi escolhido, pois sabiam os poderes espirituais do destemor daquele Espírito, da coragem moral de que necessitaria para seus pronunciamentos e, por isso, investiam-no dos necessários poderes e davam-lhe a competente cobertura espiritual (a espada aguda na boca e a mão de Deus a protegê-lo).

- Tu, porém, irás em paz para teus pais - diz o Senhor a Abraão mergulhado em profundo sono, ou melhor, em transe -; serás sepultado numa boa velhice. *Na quarta geração voltarão para cá*, porque a medida da iniquidade dos Amoreus ainda não está cheia (Gen. 15: 15-16).

Os espíritos encarnados que ali estavam combatendo os amoreus voltariam em outra existência para continuar o combate, pois o adversário ainda não teria sido vencido. Isto, porém, somente ocorreria *na quarta geração*, a partir daquela, ou seja, os mesmos espíritos em outros corpos dentro de um século e pouco.

Quanto à Rebeca, diz Gênese 25: 22-26:

- Os filhos lutavam no ventre dela; e ela disse: Se é assim, por que vivo eu? E foi consultar Jeová. Respondeu-lhe Jeová: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se

dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. Cumpridos que foram os dias para ela dar à luz, eis que gêmeos estavam no seu ventre.

Notável episódio esse. Rebeca, grávida, desespera-se ante a aflição que lhe causava a rivalidade que percebe entre os dois espíritos cujos corpos físicos estavam em gestação no seu ventre. Recorrendo ao Espírito que falava em nome de Jeová, qual a orientação que recebe? Que os espíritos que ali estavam eram realmente rivais e que vinham para a carne destinados a fundar e liderar dois povos distintos. E que, ao contrário do que seria de esperar-se, segundo a melhor tradição judaica, o mais jovem teria a primazia sobre o mais velho.

Assim foi. Nasceram, viveram, realizaram as tarefas para as quais estavam destinados antes de se reencarnarem.

A rivalidade foi real, mas um dia se reconciliaram como conta Gênesis 33: 3-4.

Nos Salmos 139: 15-16, escreve seu autor:

- Não te era oculta a minha forma. Quando fui feito às ocultas e primorosamente tecido nas profundezas da terra, os teus olhos viram a minha substância, ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, todos os dias que foram ordenados, quando nenhum deles ainda existia.

Antes de vir para o mundo da forma, da matéria densa, a existência é planejada, segundo a tarefa espiritual que o ser tem a realizar aqui na terra entre os seres humanos.

No Capítulo 37 de sua portentosa obra, Ezequiel descreve uma visão dramática. Foi levado em transe para um local onde contemplava um campo coberto de ossos humanos ressequidos. O Espírito lhe pergunta: "Você acha que esses ossos possam reviver?"

- Eu, pois, profetizei como o Senhor me tinha mandado e, enquanto eu profetizava, ouviu-se um ruído, depois fez-se um rebuliço: os ossos aproximavam-se uns dos outros, pondo-se cada um na sua junta. Olhei e eis que se formaram sobre eles nervos e carnes para os revestir e a pele se estendeu por cima, *mas eles não tinham espírito*, Então, disse-me o Senhor: Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem e dize ao espírito: Isto o Senhor Deus diz: Espírito, *vem dos quatro ventos, sopra sobre estes mortos e revivam*. Profetizei, pois, como o Senhor me tinha ordenado; o *espírito entrou* neles e viveram: levantaram sobre seus pés; era um exército numeroso ao extremo.

Difícilmente o texto poderia ser mais claro e objetivo no contexto da antiquíssima linguagem, de origem nitidamente mediúnica. O médium em transe tem a visão antecipada do preparo de grande número de seres que retornam à carne para prosseguir a luta em favor do povo de Israel.

Mais uma vez observamos que os espíritos reencarnantes *não são criados* especificamente para aqueles corpos físicos; são, ao contrário, convocados de toda a parte (dos quatro ventos) espíritos *já existentes* e se ligam aos corpos que o profeta viu em formação diante de seus olhos.

Lembramos novamente que as palavras *espírito, sopra, alento, vento* traduzem todas o termo grego *pneuma*. O texto utilizado nesta citação é o da tradução do Padre Mattos Soares (Edições Paulinas). Já na versão dos beneditinos belgas (Edição Ave Maria), em lugar de "o espírito entrou neles e viveram", está escrito: "e daí a pouco o espírito penetrava neles. *Retornando à vida*, eles se levantaram" etc ...

Assim é. Nenhum espírito foi criado para o corpo de João Batista - reencarnou-se ali o espírito preexistente de Elias. Nenhum espírito novo foi criado para os corpos em gestação de Jeremias ou Isaías - entidades de elevada condição chamaram seus espíritos, atribuíram-lhes missão específica no mundo e os enviaram a nascer em corpos que estavam em formação ou prestes a iniciarem o processo de gestação. Nenhum espírito foi criado no ato, para animar os corpos de Esaú e Jacó - seus espíritos foram convocados, a despeito de uma óbvia rivalidade, também preexistente, e incumbidos da árdua tarefa de darem início a duas novas nações ou povos e, eventualmente, se reconciliarem, como o fizeram.

Não pretendemos aqui esgotar o assunto nem recolher todas as citações possíveis, pois há inúmeras outras, como mais esta, por exemplo, em Isaías 48: 8:

-... porque eu sabia que procedeste mui perfidamente, e foste chamado transgressor *desde o ventre*.

Como poderia um ser humano arcar com a acusação e ser considerado transgressor *antes de nascer*? Não há saída possível senão a de que ele vivera antes outras existências e nelas cometera erros e crimes. Já vinha para vida na carne com culpas a resgatar, como todos nós.

DE VOLTA AO APOCALIPSE

Continuemos, porém, já de volta ao Apocalipse, capítulo 19. João anuncia o retorno do Cristo, nestes termos:

- Ei-lo que vem sobre as nuvens; todo o olho o verá, até aqueles que o traspassaram, e todas as nações da terra se lamentarão por ele.

Como poderão estar presentes para vê-lo com seus olhos, entre todos os demais, aqueles mesmos seres que ajudaram a sacrificá-lo na cruz?

No rosário de existências vividas desde que Jesus esteve entre nós, é certo que alguns dos que contribuíram, de uma forma ou outra, para a sua condenação e execução, aproveitaram bem as oportunidades concedidas e poderão estar redimidos de seus erros e pacificados quanto aos seus remorsos quando Ele retornar.

Em comunicação mediúnica de fontes insuspeitas - Irmão X a Chico Xavier – (1) Judas Iscariotes alude a uma série de existências vividas no sofrimento e na angústia, até concluir o resgate de seu espírito numa fogueira ateadada pela intolerância religiosa no século 15. Esse é um dos que poderão contemplar em paz a figura majestosa de Jesus, no seu anunciado retorno à terra.

(1) *Crônicas de Além-túmulo*, Francisco Cândido Xavier, FEB, 8ª ed., 1975.

Outros, porém, e talvez sejam maioria, estão ainda envolvidos nos conflitos, nos ódios e nas incompreensões que os levaram a traspassar o coração daquele excelso Espírito, cuja grandeza não conseguiram nem mesmo vislumbrar. Também a estes foram concedidas repetidas oportunidades de reajuste, mas persistiram no erro, reincidiram na prática de desatinos, continuaram a culpar Jesus por suas desarmonias, esquecidos de que não foi Jesus o responsável pelos seus crimes, pelas suas incompreensões e rebeldias. Para muitos desses, a doutrina do amor tornou-se, de fato, o pomo de discórdia, não pela doutrina em si e nem pelo amor, mas precisamente pela ausência de amor e de paz em seus rudes corações. (1) Esses olhos são tantos que, a quase dois mil anos de distância, João pode vê-los a chorar por toda a terra, lamentando-se, por certo, por não terem sabido aceitar, no tempo devido, o Cristo e a sua doutrina da fraternidade universal.

(1) Sugiuro, a propósito, a leitura do livro *Histórias que os Espíritos Contaram*, Hermínio C. Miranda, Bahia, Edição Alvorada, 1980.

E, por isso, "todo o olho o verá; até os que o traspassaram", redimidos ou não. Nenhum daqueles seres que lá estavam na Palestina ou em Roma desapareceu ou deixou de existir. Estão por aí mesmo: reencarnados ou no mundo dos Espíritos, pacificados ou ainda afligidos por remorsos e revoltas. Nesse ínterim, viveram outras vidas, tiveram novas oportunidades, exercitaram seu livre arbítrio e livraram-se de suas dores ou as agravaram, tudo estritamente segundo o procedimento que resolveram adotar. Não ficou dito que a cada um será dado segundo suas obras? Não ficou dito que cada um responde pelos seus próprios erros, não os outros? E que ninguém se livra das agonias enquanto não resgatar o último dos seus crimes? E que não insistíssemos no pecado porque senão nos aconteceriam coisas ainda piores? E que aquele que fere com ferro com o mesmo ferro será ferido? E que nos reconciliássemos com os nossos adversários enquanto estivéssemos a caminho com ele? E que nos amássemos uns aos outros tal como Ele nos amou?

Não faltaram, portanto, advertências, ensinamentos, exemplos e apoio para a prática dos bons propósitos. Multidões inteiras, porém, continuaram a seguir pelas trilhas do desvairamento, rejeitando todas as oportunidades de aprendizado e de reajuste, mergulhando cada vez mais fundo no erro, em vez de emergirem para a luz.

Não se admira, pois, que naquele dia da grande separação, muitos sejam os olhos que estarão a chorar, pois muitos foram os que olharam e não viram e os que não sentiram uma só lágrima deslizar ante o sofrimento alheio que eles próprios causaram. Nessa hora inexorável, todo olho O verá ...

Não há como fugir agora, nem do resgate, nem de si mesmo e muito menos de Deus.

O TEMPO DAS DECISÕES

- O que tenha ouvidos que ouça - escreveu João em Apocalipse 13: 9-10 - Aquele que encarcerou, para o cárcere há de ir; o que matou à espada, pela espada há de perecer. Aqui se exige a paciência no sofrimento e a fé dos santos.

Impossível maior clareza. A dor do resgate vem na mesma proporção da gravidade da falta e até a natureza da pena guarda relação estreita com a do crime. São inúmeros os exemplos que a prática mediúnica nos traz. Quando tudo isso é desperdiçado, então, sim, virá a hora inexorável da dor. Aí, sim, vão ser necessárias a paciência e a fé que os *santos* demonstraram.

Há mais. No Capítulo 22, versículos 10 a 12, novamente escreve João no seu dramático Apocalipse:

- E me disse: "Não seles as palavras proféticas deste livro porque o tempo está próximo. Que o injusto continue cometendo suas injustiças e o sujo continue a sujar-se; que o justo continue praticando a justiça e o santo continue santificando-se. Eis que, em breve virei e trarei comigo a recompensa para *pagar cada um segundo as suas obras*."

Mais uma vez o conceito de que respondemos com assombrosa precisão e simetria por tudo quanto fazemos: o sofrimento será a moeda com a qual nos resgataremos do erro enquanto a paz é a remuneração da virtude praticada. Neste esquema inexorável, dentro do qual o efeito segue sempre a causa que o desencadeou, a compensação, num sentido ou noutro, é sempre a resultante inescapável.

Oportunidades para esses resgates dolorosos continuarão a ser proporcionadas a todos. Mal de nós se Deus nos concedesse apenas uma só vida para definir todo o nosso destino posterior pela eternidade que temos pela frente. Há de chegar, porém, o *tempo* de que nos falam os profetas. O tempo das grandes decisões, das separações dolorosas, do choro e do ranger de dentes, pois assim como os vendilhões profanavam a Casa de Deus, fazendo dela um covil de ladrões, são milhões os que ainda insistem em profanar esta casa que Deus nos concedeu para vivermos a nossa experiência cósmica. Esse templo maior, que identificamos com o Planeta, continua a ser desrespeitado, e os que se obstinam no erro continuam a perturbar a caminhada daqueles que precisam da Terra para viver em paz. Enquanto isso, desrespeita-se também o templo menor do corpo físico, submetendo-o a aviltamentos inomináveis ao sopro de muitas paixões e vícios.

Todos somos livres de continuar fazendo o que desejarmos: os criminosos continuarão a cometer seus crimes e o impuro continuará com a sua impureza. Ninguém poderá ou deverá forçá-los a mudarem de rumo, mas certamente chegará o dramático momento do "Basta!" A partir desse instante, os rebeldes irreductíveis começarão a ser afastados com firmeza do ambiente que insistem em desrespeitar, para que os que desejam seguir os caminhos da verdade e do amor possam marchar em frente. Então, sim haverá uma nova Terra e um novo céu, como também um novo homem e uma nova mulher.

Sim, a escolha é livre, a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Ninguém pode colher violetas humildes e perfumadas onde semeou espinheiros e criou serpentes venenosas. O que se deixou prender pelo erro, que continue errando. Que se há de fazer se ele tem olhos e não vê, se tem ouvidos e não ouve? Se tem paixões e não tem amor?

REENCARNAÇÃO E CRISTIANISMO

Quanto à aceitação da doutrina das vidas sucessivas também não há como impô-la e, ainda que fosse possível fazê-lo, quem desejaria repetir o "Crê ou morre"? Ela é o princípio ordenador da vida. Ela aí está. O Cristo a encontrou até mesmo no Antigo Testamento, que conhecia como poucos, mais do que os doutores da lei o conheciam. Ele identificou claramente pessoas reencarnadas com pessoas que tiveram outras vidas no passado. Ele explicou que cada um de nós responde pelos seus próprios atos, sendo uma afronta à justiça de Deus e à sua misericórdia supor a pena sem o erro correspondente, o sofrimento daquele que não pecou, tanto quanto a inocência daquele que errou.

Estranha é a resistência irracional que oferecem certos setores ditos cristãos do pensamento religioso a essa doutrina eminentemente lúcida, consoladora, inteligente e lógica. Ainda que em tempos remotos grandes pensadores cristãos tenham aceito a doutrina das vidas sucessivas, como Orígenes, Agostinho, Francisco de Assis, Jerônimo, entre inúmeros outros pensadores religiosos e leigos, antigos e modernos, muitos se mantêm na obstinada negativa de quem concluiu sem estudar, como o que não viu e não gostou.

Segundo lembra o Rev. Leslie D. Weatherhead, da Igreja Anglicana de Londres, (1) é estranho que aqueles que "tão pronta e amplamente aceitaram no Ocidente a ideia de uma vida *após* a morte, rejeitem a de uma vida *antes* do nascimento".

(1) Cf. *The Case for Reincarnation*, de Leslie D. Weatherhead; Londres, 1958.

Dizia o brilhante Deão Inge, citado por Weatherhead, que achava a doutrina da reencarnação não apenas *crível*, mas também *atraente*.

Aliás, o conceito das vidas sucessivas foi rejeitado pela Igreja Católica, segundo o mesmo autor, no Concílio de Constantinopla, em 553, *por votação*, na qual a reencarnação *perdeu por 3 a 2*.

O sacerdote católico G. Nevin Drinkwater escreveu, na publicação *The Liberal Catholic*, que a reencarnação nunca foi declarada herética por um Concílio Ecumênico.

- O que realmente aconteceu - diz ele textualmente - segundo Robertson e Hefele, foi que um sínodo local condenou os ensinamentos de Orígenes acerca da preexistência em 543, na cidade de Constantinopla, mas isto não é, naturalmente, uma decisão a ser obrigatoriamente acatada pela Igreja Universal" (2). E conclui o padre Drinkwater:

(2) Cf. *Church History*, de Robertson, vol. I, p. 157 e *History of the Councils of the Church*, de Hefele, vol. IV, p. 223 ss.

- Há pessoas hoje na Igreja Católica que aceitam a reencarnação sem que sejam declaradas heréticas.

Um exame mais aprofundado da questão revela, pois, que a rejeição da doutrina das vidas sucessivas, no contexto do moderno pensamento dito cristão, não resulta de uma condenação formal, abrangente, unânime e universal da Igreja, mas de preconceitos puramente pessoais daqueles que *acham*, sem maior exame, que a reencarnação é incompatível com a doutrina de Jesus, o que, absolutamente não é verdade. Ao contrário, o que vemos no Evangelho é a surpresa do Cristo ante a ignorância de um titulado doutor da lei sobre conceito de tão amplas e vitais implicações nos mecanismos da vida. Vemos o

Cristo dizer que João Batista é Elias renascido e que é preciso nascer de novo para redimir-se. Para contornar a gritante realidade desses pronunciamentos inequívocos há toda uma rotina de ginástica mental que passou à condição de verdade empacotada, sobre a qual não é mais preciso pensar ou questionar. Aceita-se o pacote sem exame e *nascer de novo* passa a ser a mera exteriorização de uma nova postura a partir de uma *aceitação*, ainda que meramente verbal, de Jesus. Não vai nisso, pelo amor de Deus, nenhuma crítica impiedosa àqueles companheiros que resolvem tomar uma atitude nova ante a vida. Muitas conversões fecundas têm sido obtidas assim aos princípios do Evangelho, em busca de uma reforma íntima. Isso é válido, mas não foi isso que o Cristo disse. O que está faltando, pois, para aceitar o Cristo quando diz que *nascer de novo* é entrar no ventre de uma mulher que inicia o processo de gestação de um novo corpo para um velho espírito?

Se a vida fosse uma só para cada espírito que viesse para a carne, então a justiça de Deus seria tão incerta quanto a dos homens. Aquele que sofreu os horrores do abandono, da miséria, da angústia, como prisioneiro de um corpo mutilado, sem ter tido a menor chance de pecar, poderia contestar o Pai, como lembra o Dr. Weatherhead:

- A vida não foi justa comigo. Foi para mim um mau negócio. Nunca tive a menor oportunidade!

Que fazer dessa criatura? Como explicar com ela e a ela a justiça de Deus? O céu é o prêmio desmesurado e indevido para uma curta existência de mágoas que somente produziram, muitas vezes, mais inconformação e revolta. O inferno é punição excessiva para os que aparentemente não têm outro crime senão ver excedidos os limites da sua resistência à terrível pressão da dor. Preferência de Deus por uns e abandono ou indiferença por outros? Inconcebível. Então Deus não quer que todos se salvem? Ou cria deliberadamente, sabendo, por antecipação, que estão destinados à agonia, à revolta, ao sofrimento, ou, reversamente, à felicidade, à beleza, ao poder e à riqueza material? Também inaceitável.

Não constitui exceção o caso do cego de nascença, no qual as leis de Deus se manifestavam, segundo declarou Jesus, com o peso da sua indubitável autoridade. As mesmas leis divinas operam em todos nós. E se ao cego foi concedida a oportunidade de nascer de novo para corrigir seus desvios espirituais, a nós também elas são concedidas repetidamente, até o limite do possível e do razoável.

MODERNOS NICODEMOS

É pelo encadeamento dessas oportunidades bem aproveitadas que alcançaremos a paz e a felicidade sem mácula. Ou, na linguagem viva do Cristo: "Em verdade te digo: aquele que não nascer de novo *não pode ver* o Reino de Deus".

E como Nicodemos não conseguia recuperar-se da sua perplexidade, Jesus acrescentou:

- Falamos do que *sabemos* e damos testemunho do que *vimos*, mas vocês não aceitam o nosso testemunho...

Desde aquele diálogo, que se preservou através dos séculos, por onde andou Nicodemos e o que fez? Certamente que nasceu de novo muitas vezes para viver e experimentar a realidade que nem pelo testemunho vivo de Jesus ele conseguiu aceitar...

Muitos outros continuam por aí, aferrados tenazmente à letra estrita dos textos e cegos à visão do Espírito. Temem usar as chaves que lá estão nos mesmos textos, que lhes parecem misteriosos e enigmáticos. Ou, então, inventam artifícios interpretativos que podem servir para arregimentar prosélitos, mas não para colocar o ser humano face a face com a realidade espiritual.

E por isso continuam a contemplar fascinados a porta fechada, sem coragem nem para bater, como recomendou Jesus.